



Marcelo Viñar

Tradução: Helena Surreaux

FRONTEIRAS

Convenhamos que em um painel de abertura mais importam as perguntas que se formulem e a escolha dos caminhos a explicar, que as respostas e conclusões às quais o painalista pode chegar.

Os congressos de APU e FEPAL adotaram títulos (ou temas), para o ano em curso, pouco tradicionais, sensíveis às mudanças motivadas pela época, de cunho sociológico e de fundamentos epistemológicos. Esta escolha me parece um ato de coragem. Para um velho como eu participar de um congresso com temas tão diferentes aos tradicionais é um sacudão relevante.

De um tema que parece inabarcável, assinalarei cinco arestas problemáticas:

- a) Fronteiras com o passado da psicanálise.
- b) Fronteiras com o encerramento semântico.
- c) Fronteiras com a interdisciplina.
- d) Fronteiras com a alteridade.
- e) Desafios para um freudismo do século XXI.

Proponho que, nascida para curar a neurose (as doenças funcionais dos nervos), a psicanálise prontamente se tornou um método para interrogar a condição humana, em seu perfil criativo e, sobretudo, seu reverso de auto ou hetero destrutividade. Não é, pois, um ramo da psiquiatria, como às vezes se pretende, mas uma antropologia geral, mesmo que o método clínico seja a fonte de suas reflexões.



a) FRONTEIRAS COM O PASSADO DA PSICANÁLISE

Durante a modernidade sólida, o foro interior, a vida onírica diurna e noturna, as irrupções esperáveis ou inesperadas que convergem com a regra de ouro e a geração de transferências, foram até ontem o território privilegiado -talvez exclusivo- da clínica freudiana.

Também na ocorrência freudiana de atribuir ao falante o que este diz de outros; tudo o que precede numa época em que o espaço público, o privado e o íntimo tinham limites demarcatórios mais nítidos ou menos entreverados que hoje em dia.

A noção de sujeito manejada então privilegiava o endopsíquico para ir configurando sua singularidade, um longo caminho da simbiose à individuação. Meltzer sentenciava que havia dois mundos, um interno e outro, exterior, impermeáveis entre si. Romper essa norma era sacrílego, pois ameaçava a especificidade da nossa ciência. Privilegiava-se o corpo e a psicologia individual. Hoje sabemos que o recém nascido está precedido por uma língua, uma cultura e uma lenda familiar, que o condiciona e formata.

Estou pensando no construtivismo radical onde a linguagem, mais do que uma representação do mundo, é o próprio mundo que se torna a imagem da linguagem disponível. Pensando também no contrato narcisista de Piera Aulagnier, que situa o sujeito na genealogia e no sofrimento da constelação familiar. Ou seja, concebemos um sujeito relacional, no qual a outridade precede e organiza a mesmidade e se desenvolve em cinco gerações: avós, pais, filhos e netos. O que nos faz conceber um inconsciente freudiano que brota e cresce nos interstícios da história e da antropologia. É no interior dos redemoinhos desse território que se constrói o espaço de intimidade que foi o objeto privilegiado do trabalho analítico. São fatos que problematizam o que é endógeno e o que é exógeno na mente do sujeito relacional e bordam a dicotomia entre pulsão e identificação; que é um ponto nevrálgico do debate atual entre neurociências e cultura.



Apesar de que o fundador havia outorgado à psicologia das massas boa parte de sua preocupação, tenho a impressão de que textos do eixo sócio-antropológico (também chamados “Textos sobre temas sociais”) da obra freudiana tiveram menos relevância na clínica prevalente. Não obstante, Freud dedicou ao fato sócio-cultural um lugar importante de suas reflexões ao longo de sua vida.

Tótem e Tabu, Psicologia das Massas, O Futuro de uma Ilusão, Mal estar na Cultura até Moisés colocam em evidência essa preocupação. Pode-se agregar que este horizonte tem sido menos explorado pelos pós-freudianos - exceptuando-se honrosas, ainda que escassas exceções - e também por alguns descarrilamentos delirantes que motivaram sucessivas rupturas (com Jung, Adler, Reich).

Em nome da sensatez, da neutralidade e da abstinência se estabelece o pacto tácito de “isso não se toca porque queima” e se decide silenciá-lo como baluarte ou rocha de base. No entanto, - mesmo infrequentemente - a ideologia, os ideais, as obstinações duradouras são matéria de análise e dão lugar a interessantes intercâmbios entre racionalidade e animismo. Porém esses temas requerem um denso trabalho preliminar de confiança recíproca para que opere a liberdade da discrepância sem que deslizemos ao conselho catequista ou ao *coaching*.

Entendo que os códigos ou marcadores culturais também importam. Seria eu o mesmo se tivesse nascido em outro país? Seria o mesmo se fosse filho de uma longa herança na língua e na cultura ou se filho de imigrantes recentes? Em uma aldeia planetária com centenas de milhões de imigrantes e refugiados a pergunta se torna ainda mais pertinente. E essa consequência concerne ao nosso ofício. A posição de Lévi-Strauss é conclusiva: “A exclusiva fatalidade, a única tara que pode afligir a um grupo humano e lhe impedir de que realize plenamente sua natureza é estar só”. Pauta que ele aplicava ao pecado etnocentrista das culturas primitivas e eu extrapolo atrevidamente a nossa tribo. O encontro com a heterogeneidade é imprescindível (H. Arendt postula que a diversidade é



o traço mais relevante de nossa espécie), somos um ramo de uma inabarcável antropologia geral. Temos que seguir Freud, não apenas em suas descobertas, mas em seu modo de avançar ao desconhecido, sem refugiar-se em um saber estabelecido.

COVID-19, tempos lúgubres, sentimentos apocalípticos. Tomada de consciência de como nossa espécie combina o progresso civilizatório com sua condição depredadora. 1939, morte de Freud, começo da Segunda Guerra Mundial, que matou 22 milhões de soviéticos, 6 milhões de judeus, 1 milhão de anglo saxões, outro tanto de ciganos e de deficientes.

Derrota do nazismo e começo da Guerra Fria, onde coexistem o horror e o progresso, somos uma espécie que nos alterna. Vamos a um congresso a comprar sabedoria ou a abraçar amigos? Quem somos na opulência e quem somos na vulnerabilidade?

O diálogo entre um agnóstico e um crente, as diferentes maneiras de crer em deus ou de refutar sua existência pode desarmar muitas resistências silenciadas. Aporofobia, Xenofobia e outras formas de rejeição ao diferente são um tema álgido em sociedades tão desiguais e fragmentadas.

b) FRONTEIRAS COM O ENCERRAMENTO SEMÂNTICO

A dispersão de sentidos é hoje maior do que no passado, para definições homogêneas de desejo, gozo ou proibição. Ajuste de códigos, que se omitidos conduzem a um diálogo de surdos ou a uma briga ou a um distanciamento silencioso, rompendo pontes que deveriam ser saudavelmente preservadas e evita dialetos que se acreditam auto suficientes. Essa mudança de códigos no falar cotidiano obriga a pensar seus efeitos na organização da Outra cena. O choque entre a ortodoxia versus anátema: O “isso não é psicanálise” merece ser cuidadosamente revisado.

O ofício da psicanálise nasceu no seio de uma moral vitoriana que demonizava a sexualidade e punha claras e radicais fronteiras entre o normal e o depravado. A



diversidade sexual que hoje se legitima e se celebra, valoriza e admira o que antes era digno de condenação. Por conseguinte, não é fácil, porém necessário, repensar as fronteiras do campo freudiano. O assombro e a fuga de Breuer ante o *Chimney Sweeping* de Berta P. (Ana O.) hoje seria trivial.

O temperamento de Freud para fundar através dessa matéria prima a teoria da sedução e vinte anos mais tarde a das fantasias originais, *Ur-Phantasien*, definem um território específico que abre o horizonte da sexualidade infantil. Da mesma forma, a sexualidade ampliada que Freud descobre e descreve nos começos do século XX.

Por conseguinte, quais são as novas terras ignotas a explorar? As respostas não são fáceis.

Em nossa condição de herdeiros, consideramos que as fronteiras com o passado são um iniludível ponto de partida. Nisso, a genialidade do Fundador me provoca sentimentos ambivalentes ou contraditórios. Por um lado - como a todos - um sentimento admirativo; por outro lado, o temor de que sua dimensão excepcional nos provoque submissão e obediência. Sem dúvidas, o recitado por Klein, Bion ou Lacan é mais um obstáculo do que uma ajuda para detectar o que é o reprimido, cindido ou desmentido na turbulência do mundo atual. Uma teoria completa se torna ideologia, religião ou fetichismo. E se isso acontecesse, a experiência freudiana se esfumaria ou se extinguiria.

Com Ignacio Lewkowitz aprendemos que há três maneiras de conectar a atualidade com o passado precursor; uma é determinista: o presente é consequência desse passado. Um potro será sempre um cavalo, ou um girino será uma rã. Tudo é sucessão. O contrário é a substituição: a atualidade não tem que ver com o que precede (ontologia do presente), tudo é substituição. A terceira alternativa não elimina nem repete o passado, mas o inclui e o altera; um presente que altera o passado. A operação de conhecimento consiste em estabelecer pontes de compreensão entre o passado fundador e a atualidade. Hoje devemos adotar essa terceira solução combatendo a precipitação em um presente superaquecido.



A América Latina é o continente onde a desigualdade de riqueza (material e simbólica) é máxima e leva a sociedades fragmentadas. Por conseguinte, o diálogo inter-geracional e/ou o intervalo de classes sociais provê de códigos de valor e semânticos que são radicalmente diferentes em seus significados e ressonâncias para analista e paciente; e para as distintas classes sócio-culturais.

c) FRONTEIRA COM A INTERDISCIPLINA. Pensamento complexo.

A fronteira com o passado, então, me é suficiente para pensar detidamente as continuidades e rupturas com a psicanálise da modernidade sólida. Seus paradigmas pediam uma definição nítida do método e do objeto a explorar, buscando uma causa *princeps*. Hoje o acesso ao real é mais distante do que há um século. Talvez condenado ao fracasso, como a terra Prometida de Moisés. Os paradigmas do pensamento complexo admitem a multicausalidade, dão lugar à incerteza e ao real incognoscível. O chamado “pensamento frágil” da pós modernidade nos estremece. Inovar é necessário, imprescindível, porém também o é recordar a advertência de Eric Hobsbawn: “vivemos um momento inédito da História, uma de cujas arestas inéditas é o desdém pela tradição”

Como propõe W. Benjamin, o mal da Modernidade começa com a desapareção da comunidade de ouvintes, afirma que compartilhar vivências e experiências é tão necessário para a alma, como o pão e a água para o corpo carnal. Diz que para que um narrador seja possível se requer uma situação de distensão, que se faz cada vez mais rara. O tédio é o “pássaro fantástico de uma experiência”, se perde o dom de saber ouvir e desaparece a comunidade de ouvintes. Tudo isso por um desequilíbrio entre os tempos transitivos e reflexivos do acontecer interior.



d) FRONTEIRAS COM LA ALTERIDADE

Sugiro que um eixo iniludível a explorar em sessão seja o destino - individual e coletivo - do ódio ao diferente, porque a ressurgência da explosão xenofóbica é permanente no mundo atual.

Como explica C. Castoriadis, a História nos ensina que o narcisismo no individual e o etnocentrismo em nível coletivo nos constitui naquilo que é próprio como excelso e no diferente como inferior. Recordando a Michel de Montaigne: “chamamos bárbaro o que não se ajusta a nossos hábitos e costumes”. Ou Freud, em 1919: “o próximo não é apenas sócio ou semelhante, mas rival e adversário ou inimigo”.

Na alteridade reside o ovo da serpente e as dimensões atuais da urbis fomentam o anonimato. Os bairros privados e o declive da escola pública confirmam a fragmentação social em parcelas que não se comunicam entre si, gerando a mentalidade fechada do xenófobo (EGM). Para evitar o difícil trabalho da mentalidade aberta, onde o cidadão trabalha para discernir as alteridades a legitimar, daquelas outras, que são a combater.

Sem afãs de protagonismo, podemos tomar os ensinamentos do nazismo e do estalinismo como crimes massivos emblemáticos do século XX e fomentar o “*early warning*” (H. Arendt), dando lugar ao *transfert* do que se rechaça. A figura do judeu, do árabe, do cigano, do dissidente, do pobre, do refugiado, como causa do mal, pululam por todo lado, mesmo em formas clandestinas e silenciosas, ou seja, ainda não massificada.

A revolução digital, com suas máquinas emblemáticas: TV, computador e celular, fomentam a retração dos âmbitos públicos, que se tornam desertos.

Talvez o transcorrer lânguido que nos impõe o confinamento da pandemia seja uma ajuda ou o remédio para curar-nos da condição de tempos epiléticos e de ávido consumo ao que nos arrastavam os ritmos do século XX. *More is Better* se mudou da terra ao inferno.



e) DESAFIOS PARA UM FREUDISMO DO SÉCULO XXI

O escândalo da frequência semanal de sessões funciona como um biombo que oculta a complexidade do problema. É certo que a atmosfera regressivante da alta frequência permite localizar melhor os enclaves resistenciais que revelam a repetição (uso do termo em seu sentido freudiano). Usando a terminologia de André Green, a frequência semanal é parte do estojo do enquadre, em tanto que o essencial, o que diziam ele e Mariam Alizade - é o enquadre interno do analista, porque focaliza e privilegia as fraturas e sem sentidos do discurso, mais que ao discurso mesmo. É a especificidade deste enfoque, cumprir a difícil regra de ouro e não a frequência semanal, o ponto nodal do debate.

A vinheta clínica e o exercício frequente de colocar em evidência quando há e quando falta - o que chamamos associação livre e atenção flutuante - me parece uma fonte inesgotável mais importante que a investigação sistemática que impulsionou a API.

Saindo do tempo *infans*, na aurora da nossa condição de falantes, brota uma penumbra de recordações que não sabemos se atribuir a fatos acontecidos ou imaginados. Um setor de nossa consciência se expande e evolui em diálogos e jogos com nosso entorno humano; outro de acontecimentos fantásticos que mais tarde chamaremos fobias e pesadelos infantis.

O espanto sem representações verbais me parece uma experiência universal deste momento da vida e apenas o compartilhamos com a almofada. Nas palavras de Victor Guerra: “há uma vivência íntima na qual a palavra em seu sentido conceitual tem difícil acesso e que se refere à riqueza do *infans*. O irreparável das emoções ancoradas à sensorialidade e ritmicidade do corpo”. Chegar a essa intimidade de difícil acesso é - em meu entender - o que chamamos Enquadre Interno do analista.

Quais são as terras ignotas por explorar? Há duas maneiras de incorporar a herança freudiana. Uma é ater-se com obediência ao menu e ao enfoque definido pelo fundador.



Outra é estar atento a urgências da atualidade, sem fazer do procedimento uma concepção do mundo, nem uma ideologia. Entendo que a ponte que une o atual com as experiências infantis é um critério válido, sempre que preserve seu caráter parcial e fragmentário e não se declare e instaure como a causa *priceps*.

Sem dúvidas, a sexualidade e o cenário íntimo da novela familiar seguem sendo uma fonte inesgotável.

Hoje a sexualidade se coloca em cena não apenas com a diversidade do parceiro e do ato (LGTBQI+), mas ainda com a mudança do código sobre fidelidade, adultério, recato e exibicionismo, vínculos transitórios ou permanente, com concomitância ou dissociação entre afeto e erotismo.

Não alcança com a educação sexual, nem com o descobrimento da fisiologia reprodutiva, nem com os anticoncepcionais, nem o Viagra. Acaso, serão suficientes para iluminar os labirintos da vida erótica? É análogo ou diferente o desenvolvimento psicosssexual de um lar católico, judeu, mussulmano ou agnóstico?

Concluo com a referência ao antropólogo Clifford Geertz: “Nossa máxima necessidade... não é a construção de uma cultura universal a semelhança do idioma Esperanto, nem a invenção de uma vasta tecnologia de organização humana, mas aumentar as possibilidades de um discurso inteligível entre gentes que diferem muito em interesses, aspectos, riqueza e poder e que, no entanto, se encontram em um mesmo mundo atual, onde permanecem em conexão constante e onde, ao mesmo tempo, é cada vez mais difícil separar-se do caminho dos demais”.

Acompanhando as transformações dos laços sociais que a História (que atualmente se move a galope) nos brinda, os conceitos básicos com os quais trabalhamos em nossa prática foram se modificando ao longo do tempo. Hoje dizer: família ou constelação familiar, parentalidade, filiação; ou proibição e transgressão; promessas e relações entre atos e palavras, sexualidade legítima e transgressora, movem profundas engrenagens da



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



mente, significados e ressonâncias diferentes para os membros do campo bipessoal e a diversidade de tradições culturais.

Bibliografía:

- Historias de la vida privada en el Uruguay, Individuo y soledades (1920-1990) - José P. Barrán, Gerardo Caetano y Teresa Porzecanski.
- Historia de la sensibilidad. De la cultura bárbara al disciplinamiento. José P. Barrán (ed. Banda Oriental).
- Semejante o Enemigo - Compilado por MViñar
- La traversé de frontiers - Jean Pierre Vernant
- Seminario sobre la Identidad - Claude Levi-Strauss
- Problemas del campo psicoanalítico - W. y M. Baranger